O Paštor

moa sipriano

moasipriano.com

O PASTOR

Moa Sipriano

Ele abrolhou na casa materna naquela última noite chuvosa de janeiro. Era um homem alto, forte, a impor todos os respeitos. Trajado em tons de chumbo, carregando uma bíblia de capa vinho, onde as bordas douradas cintilavam a luz das três velas que iluminavam nossa deprimida cozinha, o dono de todas as verdades se sentou à mesa, tocou com extrema ternura as mãos da minha mãe chorosa e juntos lemos os Salmos.

Oramos fervorosamente por um longo tempo e em seguida um breve sermão foi proferido por aquele homem imponente, proprietário de uma voz profunda, hipnótica, sobre-humana. Eu fiquei atônito com a energia do pastor.

Enquanto minha mãe ouvia atentamente as palavras de fé provenientes daquele servo de Deus, eu ficava imaginando o macho a se esconder por trás do manto sagrado da sua deplorável "religião".

Afinal da conta, no seu lado esquerdo, toda Religião humana é alicerçada na mais pura hipocrisia.

Após quase hora cheia de um culto privado – o qual fui forçado a participar – minha mãe, bem mais calma, levantou-se e foi preparar um ralo chá para todos.

O pastor ficou em silêncio, como numa espécie de transe, acarinhando seu livro de capa cor de sangue. Eu não conseguia retirar meu olhar nada discreto naquele par de coxas suculentas ocultas além da calça de tecido sedutor, um corte sob medida para um homem que eu julgava ser divino e imaculado em todos os sentidos.

De repente, fui despertado pela voz que me chamava suavemente, como se fosse um murmúrio entre amantes.

O pastor agradeceu minha presença na reunião daquela noite e convidou-me a participar do culto do próximo domingo, agora em seu templo.

Ele retirou um delicado panfleto do seu livro inseparável, oferecendo-me o papel com sua rígida mão direita, que foi tocada sutilmente pelas pontas femininas dos meus dedos siberianos.

O chá foi servido.

Conversávamos assuntos cotidianos, nada importantes, apenas temas leves.

Percebi que o pastor não tirava os olhos das curvas da minha bunda, cada vez que minha mãe se distraía com alguma coisa na cozinha: mais bolinhos, mais biscoitos, mais agrados para o homem que veio consolar as dores da recente viúva. Peguei-me fantasiando coisas.

Algo inesperado aconteceu. Minha mãe comentou com o homem santo sobre a dificuldade que eu estava enfrentando para conseguir um emprego.

Corei em vergonhas, já que esse assunto fazia eu me sentir um total inútil; um virgem vagabundo profissional, na altura dos meus incompletos dezenove.

O pastor então fez um convite, debaixo de um sorriso inesquecível, afirmando que eu era um jovem de sorte abençoado por Deus, já que havia um posto de trabalho temporário disponível em seu templo. Segundo o Santo, Deus me designou para pintar a Casa do Senhor. Assim eu ganharia uns trocados, e também acumularia milhas importantes para – um dia, quem sabe, talvez… – alcançar um lugar privilegiado no Reino do Santíssimo, segundo as palavras do Seu escolhido.

Foi assim que tudo começou.

* * *

Realizar o tal trabalho foi relativamente fácil. O templo nada mais era do que um galpão fechado, com dezenas de brancas cadeiras de plástico alinhadas toscamente sobre um piso de cimento queimado.

O antigo púlpito – este sim, uma verdadeira obra de arte! – era majestoso, todo esculpido em uma única peça de madeira maciça. Sei lá eu que pau nobre era aquele, mas era de um caramelado brilho hipnotizante. Um contraste gritante com a simplicidade do resto do espaço que deveria ser sagrado.

Uma aparelhagem de som capenga ficava de um lado, onde um emaranhado de fios que ligava a mesa de som aos microfones espalhados pelo altar estava parcialmente escondido sob uma espécie de forração Azul Royal não muito agradável de ser vista à luz do dia.

Consegui concluir minha tarefa após seis períodos matutinos. As paredes internas foram pintadas de branco, as externas de um azul-quase-verde bem sem graça. As molduras das janelas e todas as portas foram lixadas e envernizadas com materiais de terceira.

O dono de tudo apareceu no último dia para conferir o resultado da minha arte e apanhar as cópias das chaves do templo que estavam em meu – quanto privilégio! – poder.

Ele trajava uma camisa social de mangas curtas, em um tom amarelo que salientava os contornos do seu peito inox, onde repousavam pelos escuros certamente pra lá de macios e cheirosos.

Para completar, uma calça *jeans* que mais uma vez me fez quase perder os sentidos ao me deparar com aquelas coxas alucinantes e, de bônus, a visão de um sacão redondo que me vertia água pelas bocas.

O pastor me recebeu com um abraço absorvente, onde pude sentir a potência de um corpo muito bem nutrido. Ganhei elogios pelo meu esforço, através de um único sorriso capaz de iluminar meu caminho para todo sempre. Ele realmente sabia como cativar seus subordinados.

Segurando a bíblia com a mão direita e com a esquerda uma sacola plástica que continha um litro de Pepsi, um limão solitário e alguns copos descartáveis, fui convidado pelo Perfeito para tomar uma gelada na minúscula cozinha improvisada que ficava nos fundos do galpão.

Enquanto nos refrescávamos naquela tarde calorenta, meu bom pastor aproveitou para fazer o "pagamento" justo pelos meus serviços bem prestados.

Eu não esperava receber mais do que eu julgava merecer.

Dois copos vazios jaziam sobre a mesa de ferro repleta de logotipos de uma cerveja que era pura água barrenta. A garrafa de refrigerante estava pela metade, quente, perdendo gás, abandonada sobre a pia que imitava granito.

O pastor dava as costas para Deus e de olhos bem fechados engolia meu sexo em movimentos lentos, para frente e para trás, sugando-o com volúpia.

Meu diabólico corpo fora prensado na parede pintada dois dias atrás. Minhas mãos suadas estavam presas nas laterais das minhas coxas finas, seguras pelas mãos rochosas do santo homem ajoelhado aos meus pés, que continuava a sugar com veemência a minha alma para dentro de si.

"Vire-se", ele ordenou, subitamente.

Agora minhas nádegas eram apalpadas com voracidade. E uma língua demente fazia voltas e mais voltas por entre o vão das minhas coxas. Era a minha vez de conhecer o Nirvana.

Ele me agarrou, contorcendo meu corpo leve sobre uma espécie de colchonete pré-histórico que estava estrategicamente escondido num canto não adivinhado. O cheiro de mofo e sexos envolvia minhas narinas. Retorci meu rosto na direção do concreto para fugir do odor desagradável.

A visão daquele homem de Deus se despindo bem na minha frente transformava-se em algo inacreditável do que eu havia presenciado minutos atrás. Sorrisos e carinhos haviam sumido por completo. Seu rosto ganhara formas animalescas. Transpirando em bicas, um monstro pelúnico se atirou sobre mim, tentando se apossar daquilo que ele julgava ter completo domínio e demais direitos.

Segurando com força a raiz dos meus cabelos, fui obrigado a sentir o gosto de algo descomunal: um caralho estranho, deformado, feio, grosso, recoberto por veias salientes, onde a violácea cabeçorra inchada, intumescida, assustadora, se escondia por trás de um capuz de carne branca, quase translúcida.

"Vamos, rapaz, engole minha benga com essa boca miúda. Quero ver sangue sair da tua garganta. Quero ver o Sangue do Cordeiro sair desse teu rabo transparente", ele gritava, com o mesmo ardor que eu havia presenciado nas orações feitas na casa de minha mãe, janeiro atrás.

Engoli com muita dificuldade uma parte mínima do cacetão.

Enquanto isso, dois dedos encharcados de saliva-cola abriam espaço na minha vulgaridade. Senti tremendo desconforto. Uma dor estranha misturada com um prazer enigmático.

Preparado para servir ao meu Mau Pastor, fui brutalmente atirado metade sobre o colchonete, metade sobre o chão empoeirado de cimento ainda rústico.

Minhas pernas, esticadas para cima, foram abertas com ferocidade. Num movimento brusco e certeiro, o servo de Deus penetrou-me sem complacência.

O suor avinagrado daquele macho desesperado despencava sobre minha pele seca e fria. Minha camiseta levou poucos segundos para ficar contaminada pelas águas que vertiam daquele delicioso animal.

O homem não diminuía os movimentos de maneira alguma. Sua pica inchada e áspera arreganhava definitivamente todas as fronteiras do meu paraíso perdido.

Não trocamos de posição. Permanecemos uma eternidade naquele vai e vem desvairado. Eu já não sentia mais nada. Tudo estava embotado.

Os nossos anjos de guarda ainda jogavam "vinte-e-um" na sala ao lado, na companhia de demônios novatos.

"O Senhor é meu Pastor e nada me faltará", clamava o velho homem.

"Graças, Senhor, pelo alimento que renova minha alma", ele gritava, antes de terminar o terror em mim.

"Puta que te pariu, meu Senhor, que rabo divino, oh Pai... que cu maravilhoso... eu vou gozar, eu vou goz...", o grito foi sufocado com um beijo pungente, onde uma inesperada saliva nicotinada, suor e náuseas se misturavam em iguais proporções no meio dos restos de dois homens que acabavam de se consumir num sexo sem um pingo de (com)paixão.

Meu Bom Pastor repousou seu corpo agora considerado nojento e demasiadamente pesado sobre o meu, enquanto sua boca lambia demoradamente um dos meus mamilos. Um bebê em busca do aconchego, sugando o seio esquerdo da mãe sem Pai. Por um tempo não mensurado.

* * *

"Vamos, rapaz, levante-se!", pediu o pastor com certa rispidez, enquanto terminava de aprumar-se para o mundo exterior.

"Tome. Aqui está o seu dinheiro. Pode conferir.", ele regurgitou, um tanto desconfortável, apontando para algumas notas dobradas com cuidado, colocadas dentro de um exemplar minúsculo do Novo Testamento, que repousava sobre a mesa de bar.

O Meu Pastor esperou eu me arrumar, além de aguardar com paciência mínima que eu deixasse a cozinha sem demais vestígios da nossa pecaminosa aventura.

Antes de sair do templo, meu dono agarrou-me próximo à grande porta de entrada. Senti uma lambida doce, com toques de canela, a percorrer meu pescoço, seguido de um beijo violento em meus lábios, onde nossas espadas logo se digladiaram, jogando restos de uma bala de um lado para o outro, disputando espaço dentro de grutas insaciáveis.

O cacete monstruoso voltara à vida. Pude sentir seu poder colossal pulsando em minha mão esquerda. Ajoelhado atrás da porta, o cheiro do verniz ainda úmido a ludibriar minha razão, minha boca abriu caminho no meio das pernas do en… viado do Senhor.

O membro rochoso encontrou fácil o caminho da minha furna não mais intacta. Já tarimbado, eu agora engolia com facilidade e satisfação o báculo profano do meu Orgulhoso Orador.

Ele lia versículos aleatórios da sua bíblia de capa vermelha. Entre uma leitura, um gemido e um urro, nossa pantomima continuava perante uma torta cruz estilizada que pairava acima do batente da gigantesca porta de madeira e vidros opacos.

Meu Pastor certamente imaginava que Deus estaria – junto com nossos anjos – apreciando seu desempenho de selvagem dominante, seduzindo uma ovelha desgarrada que agora seria parte integrante do seu rebanho repleto de desesperados.

Segurando em ódios o seu livro sagrado, olhando para cima em evidente contemplação, o velho homem gritava como se estivesse no auge do seu sermão dominical: “Perdoai, oh Pai, porque ele não sabe o que faz. Não para, garoto, não pááára!”, e eu, imbuído pelas graças de um Espírito (nada, nada, nada) Santo, enquanto numa ginga medonha minha cabeça era sacudida entre as pernas do macharrão que eu tanto venerava, fui invadido pelo bálsamo daquele ser inclassificável, a escorrer denso e pulsante para dentro de mim-eu-mesmo.

O batismo fora consolidado na presença da cruz, sob o olhar encabulado dum Nosso Senhor Jesus Cristo.

* * *

Hoje sou Homem Forte no Templo de Salvação. Sou o secretário braço (com) direito (a longas sessões de punhetas diárias) de Hemir.

Sou um irmão respeitado, mantenedor da Casa de Deus, companheiro de jornada da Grande Obra ao lado do nosso Bom Pastor. Estamos (bem) juntos há três anos.

Haverá comemoração no próximo domingo, após realizarmos nosso culto de louvor e libertação, patrocinado por um *fake* Pai Eterno.

Mais tarde, quando as encantadas ovelhas se recolherem aos seus lares decadentes, eu estarei todo fogoso a brincar com o Hemirzarrão, escondendo-o em minha boca, enquanto meu mau pastor contará pela enésima vez o valor dos dízimos depositados em nossa confiança.

Uma ínfima parte vai para as despesas do reino das águas turvas. A parte maior, é evidente, será utilizada para o término da reforma do nosso refúgio em Campos do Jordão. Um lugar discreto que adquirimos recentemente, onde passamos horas agradáveis durante a semana, cultivando a luxúria dos nossos pelos entrelaçados.

Lá ficamos devidamente escondidos da esposa sem graça do velho homem, da minha santa mãe viúva, dos irmãos de fé, do mundo burraldino.

Mesmo sem querer aceitar a realidade, você sabe como tudo funciona. Afinal, todos nós já cansamos de realizar trepadíces dentro de variadas qualidades de "templos".

Os filhos de putas santas sabem como praticar o bom pecado.

Com a ajuda dos irmãos toupeiras – sofredores profissionais que pagam qualquer quantia para continuarem no Vazio –, conquistamos nosso próprio espaço privado para fornicar o nosso amor sem amor, bem acompanhados pelos nossos anjos de guarda, que, nessas horas, ficam quietinhos na cozinha planejada… agora jogando "róbamonte" com protótipos de demônios ingênuos em franca formação.

(bônus)

Transando com Jesus

O opulento pastor chegava exatamente às sete da noite.

Estacionava o importado carro angelical na sua vaga exclusiva, onde dois cones estratégicos na via pública impediam a parada dos veículos mortais.

Homem de Deus deixava o interior do aveludado coreano embalado ao som dos cânticos de louvor entoados por uma bela voz de barítono de um novo talento patrocinado pela prestigiada gravadora evangélica no qual era sócio.

O culto de quarta-feira começava às sete e meia. Alguns irmãos já oravam ajoelhados diante do púlpito de madeira maciça, encerado à exaustão pelo jovem caseiro que cuidava do salão em processo de acabamento, onde o brilho da ilusão inspirava as súplicas que seriam entregues a Deus, mediante pagamento antecipado, ao final da pregação.

O renovado sorriso confiante de alinhadíssimos dentes perolados – ao custo de milhares de reais! – abrandava o sacrifício daquela gente pobre e humilde que depositava toda sua fé naquele que havia sido "escolhido" por Deus. Sorriso que prometia a cada reunião a oportunidade das almas cansadas terem todos os seus apelos plenamente atendidos pelo Santíssimo.

Um pouco antes do início do "culto de adoração", como por encanto, dezenas de pessoas surgiam sabe-se lá de onde. Todas ansiosas para presenciar o espetáculo de gestos, palavras e emoções proporcionados pelo grandiloquente Pastor diante das suas ovelhas histéricas. Coitados embotados na ignorância que pagavam pelo prazer de (continuar a) sofrer.

Agora falsamente concentrado, o Redondo Terno Preto repousava em sua cadeira recoberta de veludo vermelho, acariciando sua bíblia amiga de falcatruas, retirando um finíssimo marca-textos confeccionado em papel de seda do meio de uma página amarelada qualquer. Assim eram abertas as entranhas do espetáculo.

O pastor já havia decorado as partes mais impactantes aquele livro… na agitada companhia de cabos e rabos. Ele sabia o que proferir no sermão daquela noite. Tudo era feito por instinto. Nada que fugisse do trivial. Bastava uma dose cavalar de pequenos dramas encenando os mistérios da Salvação, somados com um pouco de suspense apocalíptico evocando a necessidade do Sofrimento e a busca do Perdão.

O grande final era reservado para as longas orações lacrimosas, ditas em alto e bom som exaustivamente ensaiado durante milênios de solidão, onde lágrimas pré-fabricadas inundariam as faces coradas no instante premeditado.

E assim o pastor invocaria o nome do seu garoto-propaganda quase que movido pelo falso e desconcertante histerismo crônico, para o delírio de uma plateia ensandecida.

Uma hora e quinze minutos de uma performance da melhor qualidade. Jesus havia se superado, mais uma vez! Agora era o momento de colher as glórias de uma atuação impecável.

A volta do exausto sorriso perfeito, o aperto seguro de mãos mancomunados com um leve tapinha nas costas e um olhar cristal encantado explodindo compaixão: o suficiente para transmitir uma cura quase que divina aos toscos irmãos tão necessitados de atenção e carinho.

As notas de dois, cinco e dez eram depositadas em uma estratégica cesta de vime humilde que repousava sobre uma temporária mesa de plástico.

Todo montante seria utilizado em prol da reforma do salão, segundo as palavras de incentivo de um administrador pra lá de sorridente.

O que a totalidade dos presentes não sabia era que boa parte daquele dinheiro suado seria investida naquela mesma noite, a poucos quilômetros dali, no quarto de uma casinha simples e discreta escondida numa das ruas esquecidas da famosa Vila Rami, local que o santo que não era santo costumava frequentar com assiduidade antes de voltar para sua luxuosa residência na Malota; cair nos braços inocentes dos seus dois filhos pequenos, tomar um terceiro banho para apagar de vez as safadezas praticadas durante o dia e dormir contrariado ao lado da “bispa” esposa frígida.

Vinte minutos de sexo valiam cem reais nas quartas sagradas e trezentos em dias especiais esparsos durante o mês, quando Jesus podia passar mais tempo ao lado do seu segredo, sem levantar suspeitas.

O pastor chegaria a qualquer momento. Naquela data especial, o simplório amante sentiu necessidade de comemorar aquela noite fria de um agosto comum e corrente com uma surpresa errante.

Há oito anos Jesus mantinha um caso com Olavo, hoje um rapaz de vinte e quatro, dono de um alucinante corpo esculpido ao som dos ritmos baianos, mas sem conteúdo algum na cabeça que desconhecia, por exemplo, os prazeres da leitura e a liberdade da escrita.

Poucos minutos eram suficientes para o descarrego do avelhantado homem. Jesus sempre abria as portas com a própria chave. Jesus sempre retirava metodicamente peça por peça de suas roupas *by* Miami, colocando-as suavemente em um cabide solitário posicionado atrás da porta descascada do quarto único.

Jesus, agora trajando apenas a cueca branca da sorte, cuja cor se misturava com a transparência de suas lisas banhas jamais bronzeadas, ficava alucinado com a visão

daquele corpo moreno e isento de pelos, posicionado “de quatro” sobre o colchão de molas, onde pernas e orifícios permaneciam bem abertos, tudo pronto para ser perfurado com uma selvageria nada celestial.

Jesus “entrava com tudo” após uma bela cuspida na cabeça do pau-cogumelo, invadindo aquele pedaço de boa carne que rebolava e gemia e gritava falsamente de desejo, tudo para satisfazer o homem santo que não tinha absolutamente nada de divino.

Atos repetidos à exaustão por tanto tempo, onde sentimentos permaneciam sepultados e somente o velho corpo viciado ainda precisava desesperadamente consumir aquela carne cada dia mais fresca, quente, sensual, submissa.

Olavo rebolava ao som do Harmonia. Jesus gritava com seus demônios sem garoa. Debochados, ambos oravam o “pai-nosso”, entre gemidos, gritinhos e sussurros.

Assim era o prazer do casal enrustido, suando os corpos e ferindo as almas entre quatro paredes fétidas que imploravam por uma demão de tinta fresca.

“O senhor Jesus é o meu Pastor tesudo e nunca me abandonará!”, gritava o sensual Jambo, manipulando seu grosso sexo até jorrar todos os pecados sobre o lençol de tecido barato, enquanto seu rabo mordia a cabeça do caralho do seu polaco macho pagante.

O pastor Jesus enfiava os dentes artificiais nas costas do seu escravo café com leite, e entre uma oração de agradecimento pelo “alimento” e uma súplica de perdão ao Pai, depositava sem barreiras a sua hipocrisia no interior do corpo escultural do amante (que ainda sonhava em ser) bailarino.

Rápido banho tomado, cabelos milimetricamente alinhados, perfume reposto, o pastor Jesus tirava algumas notas amarrotadas da carteira – fruto do esforço dos irmãos –, e jogava o montante sobre a cama bagunçada do casal.

“Parabéns pra *nóis*, parabéns pra *nóis*...”, cantava, desafinado e desastrado, o amante vindo da cozinha minúscula, segurando uma travessa de vidro onde repousava um protótipo de bolo caseiro de chocolate. Apesar da pressa, Jesus aceitou um pedaço da sua sobremesa favorita, para não fazer desfeita ao seu dispendioso objeto de múltiplas utilidades mundanas.

Um irrequieto pastor acompanhava as horas no excêntrico relógio de pulso recoberto de ouro. Por questão de conveniência, para tudo havia um rígido horário a ser cumprido.

“O dinheiro dos irmãos sustenta a nossa safadeza. Glória a Deus, Aleluia!”, gritou Olavo, sem noção da gravidade de suas palavras ou do seu timbre fora de

ordem, enquanto limpava a boca do seu macho que, feito criança, se deliciava com os restos de uma fatia fina de um bolo deplorável.

“Amém, Senhor. Aleluia!”, resmungou Jesus, olhando para um céu onde envergonhadas estrelas davam-lhe as costas, pondo-se em pé logo em seguida, pronto para retornar ao seu lar perfeito, inventar mais uma desnecessária desculpa esfarrapada à esposa falsamente queixosa e dormir o sono tranquilo daqueles que sustentam o báculo da Hipocrisia.

●

PROJETO GRÁFICO & EDITORAÇÃO: Moa Sipriano

IMAGEM DA CAPA & TIPOGRAFIA: pixabay.com · dafont.com

SITE OFICIAL & CONTATO: moasipriano.com · escritor@moasipriano.com